

UM ENSAIO ENTRE FREUD E VINÍCIUS DE MORAES

Stela Victório Faustino¹

O poeta parte no eterno renovamento.
Mas seu destino é fugir sempre ao homem que ele traz em si.(...)
A criação na poesia, Vinícius de Moraes.

Este é o ano centenário do poetinha brasileiro, Vinícius de Moraes. Foram tantas suas produções em poesia e música que gostaria de resgatar um viés de sua obra. O poeta centenário formou com as palavras os sentidos que tanto buscamos em Freud.

Nasceu em 1913 no Rio de Janeiro, sendo filho de Lydia e Clodoaldo, de quem teve influências musicais e literárias. Faz sua primeira comunhão e inicia a vida artística no canto e peças de teatro do colégio. Formou-se em letras e direito em 1929 e 1933 respectivamente, quando também termina o curso de Oficial da Reserva. Teve cinco filhos e estudou línguas e literatura na Inglaterra, atuando como diplomata, dramaturgo, jornalista, músico e compositor. O resultado mais tarde foi o título de poeta da paixão. Arrisco manifestar que não foi somente o compositor da paixão, mulheres e boemia, mas encantou e encanta tendo usado com variedade e perspicácia as palavras.

Começa a compor em 1927 a música “Loura ou morena”, não podia ser outro o tema de sua primeira música a não ser a mulher, loura ou morena. Finaliza esta composição dizendo que tanto faz a cor do cabelo, pois ama em todas somente a mulher.

Vinícius de Moraes fala de aspectos comuns da vida com tanta minúcia e simplicidade que só caberia a um poeta. Diz da relação entre pais e filhos, das lembranças infantis, temas do amor, das cidades e das mulheres. Enfim, fala também de sentimentos diversos: tristeza, felicidade, dor, solidão, amizade. Sua obra e poesia são abundantes e nos permitem pensar sobre a psicanálise.

¹ Graduada em Psicologia pela UNIGRAN- Dourados/MS. Psicóloga clínica e mestranda em Psicanálise na Universidad John F. Kennedy - Buenos Aires/AR. Rua Frederico Soares, 476. Santa Fé, 79021-250. Campo Grande/MS. Fone: (67) 3026-3130 - Cel.: (67) 8121-4401- E-mail: psicostela@hotmail.com

Na clínica psicanalítica aprendemos através da escuta a ouvir palavras simples e nem por isso pouco dolorosas. A arte aproxima o psicanalista do saber sobre o sujeito. Enquanto uma desperta a emoção, a outra toma para si estas como seu objeto de investigação.

Freud escreve no artigo A dinâmica da transferência de 1912 que cada um conduz a vida erótica a seu modo como resultado da união entre disposição inata e influências sofridas nos primeiros anos de vida. Ambos determinam as condições prévias que instala para apaixonar-se e os instintos que satisfaz. Estes instintos são em parte voltados à realidade e parte permanece inconsciente.

Explicando o dispositivo da transferência o autor sugere que o sujeito parcialmente satisfeito em sua necessidade de amar na realidade busca uma nova pessoa com idéias libidinais antecipadas, como um processo de fácil transposição de impulsos entre um objeto e outro.

Ao final deste mesmo artigo refere que no processo de procura desta libido não consciente adentramos o campo dos impulsos que não desejam ser recordados, mas que estão sempre no esforço de serem reproduzidos na realidade.

“Os impulsos inconscientes não desejam ser recordados da maneira pela qual o tratamento quer que o sejam, mas esforçam-se por reproduzir-se de acordo com a atemporalidade do inconsciente e sua capacidade de alucinação. Tal como acontece aos sonhos, o paciente encara os produtos do despertar de seus impulsos inconscientes como contemporâneos e reais; e procura colocar suas paixões em ação sem levar em conta a situação real.” (FREUD, 1912, p.119)

Define transferência como arma mais forte da resistência, sendo efeito e expressão dela. Até por isso explica que só é possível compreender a transferência se considerarmos as suas relações com a resistência.

Freud não discute que controlar fenômenos da transferência seja o exercício mais difícil ao psicanalista, manifestando também que são eles mesmos a possibilitar o tratamento por revelar os impulsos esquecidos do paciente. “Pois quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*”¹. (p.119) Estar *in absentia* ou *in effigie* significa estar num estado ausente, como podemos observar na clínica o sujeito que nada quer saber de sua neurose. O paciente resiste em recordar a produção inconsciente, mas o faz em transferência.

Traçando uma conexão, compreendemos que a poesia é uma das formas de palavra capaz de fantasiar os horrores (ou temores) de existir. Podemos considerar também que a transferência é um

fator iminente que permite ao sujeito passar de poema à poeta, em processo de análiseⁱⁱ. O poeta reproduz o inconsciente sob uso da fantasia. Já o psicanalista escuta a poesia inconsciente.

Assim como a palavra é o instrumento da arte do poeta, também a transferência é uma arte para o psicanalista, que ajuda a cerzir resistência e inconsciente sob o laço do amor estabelecido. O uso da palavra marca uma necessidade do poeta em fantasiar para manter seu eterno renovamento, enquanto o psicanalista está sempre às voltas da metáfora que permite manejar uma análise, o amor de transferência.

Enquanto um escolhe palavras para formar sentidos, o outro escuta palavras para incitar a sentidos. Assim, o sujeito que não quer recordar e não quer saber sobre sua neurose, ante o laço de transferência se permite e escreve o seu poema.



Fig.1- Sigmund Freud.

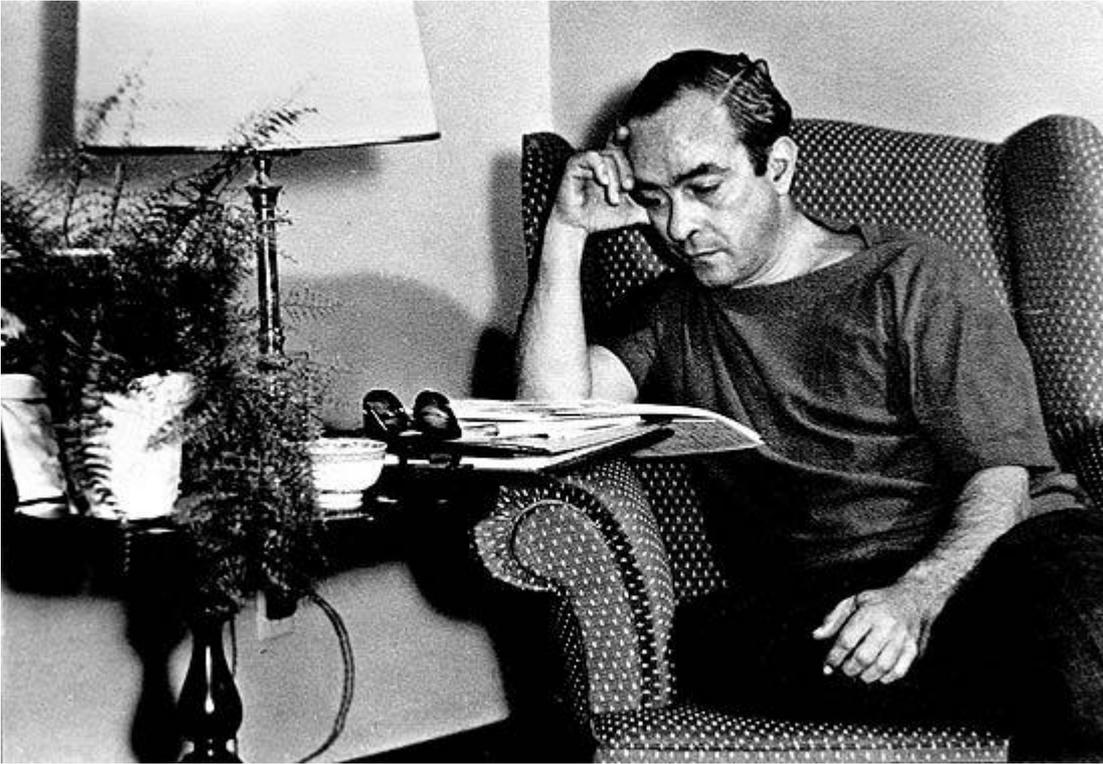


Fig.2 - Vinícius de Moraes.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas: edição standard brasileira*. A dinâmica da transferência (1912). Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MORAES, Vinícius de; GULLAR, Ferreira. *Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

SILVA, Katulle Oliveira Freitas. Laço de amor: psicanálise e arte. *Diálogos: Boletim do Ágora Instituto Lacaniano: Psicanálise e Arte*. Campo Grande,MS, n.2, setembro 2007.

LISTA DE NOTAS

ⁱ Quando não está presente, ausente.

ⁱⁱ Tema referido por JOZAMI, Maria Ester. Dra. em psicologia social, aula de mestrado da disciplina *teoria de las neurosis*, na Universidad Argentina John F. Kennedy, 2013.